

GABRIEL LOPES MARQUES

Infiltrações

Trabalho de conclusão do curso de Artes Plásticas,
habilitação em Bacharelado, do Departamento de
Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade
de Brasília.
Orientador: Artista/Professor Elder Rocha

Brasília-DF

2013

SUMÁRIO:

ÍNDICE DAS IMAGENS.....	3
INTRODUÇÃO.....	5
CAPÍTULO I - A PERFORMANCE INVISÍVEL.....	6
CAPÍTULO 2 - MUNDO FANTÁSTICO DAS RUAS.....	14
2.1 - REGISTROS DO MUNDO FANTÁSTICO DAS RUAS.....	20
CAPÍTULO 3 - INFILTRAÇÕES.....	27
3.1 - ARTEFATOS DE INTERVENÇÃO EM CIMENTO FRESCO.....	29
3.2 - PROJETO LAMBE-LAMBE.....	33
3.3 - CADERNO DE CALIGRAFIA URBANA.....	35
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

ÍNDICE DAS IMAGENS

- [FIGURA 1] Fotos de desenhos e rascunhos de grafites. Brasília. 2003/2004
- [FIGURA 2] Fotos de Lambe-Lambes. Espalhados por Brasília no ano de 2004.
- [FIGURA 3] Fotos de Grafites em Brasília. 2003
- [FIGURA 4] Fotos de Grafites em Brasília. 2004
- [FIGURA 5] Fotos de Grafites em Brasília. 2004
- [FIGURA 6] *Coelho que fugiu da Cartola*. Setor Bancário Sul. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 7] *Coelho que fugiu da Cartola - (Re)intervenção Urbana*. Setor Bancário Sul. Brasília, DF, 2012
- [FIGURA 8] *O Engolidor*. L2/ Esplanada dos Ministérios. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 9] *Alô 45. Série: Engolidores*. Skate Park do Cruzeiro. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 10] *Brisa. Série: Janelas*. Christiania. Copenhagem, Dinamarca, 2010
- [FIGURA 11] *Garoto Enxaqueca*. Setor de Radio Norte. Brasília, DF, 2012
- [FIGURA 12] *Série: Dorminhocos*. Setor de Embaixadas Sul. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 13] *Piscina de ondas*. Clube Abandonado. Creta, Grécia, 2010
- [FIGURA 14] *Nada*. Escola Abandonada, Lago Sul. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 15] *Magrão*. Creta, Grécia, 2010
- [FIGURA 16] *Minotauro*. Sougia. Creta, Grécia, 2010
- [FIGURA 17] *Gentileza*. Minhocão. São Paulo, 2010
- [FIGURA 18] *Barrilonia*. Casa Ocupa Barrilonia. Barcelona, Espanha, 2010
- [FIGURA 19] *Série: Engolidores*. Floating City. Copenhagem, Dinamarca, 2010
- [FIGURA 20] *Série: Janelas*. Barrio Chino. Barcelona, Espanha, 2010
- [FIGURA 21] *Rua dos Bobo Nº 0*. Floating City. Copenhagem, Dinamarca, 2010
- [FIGURA 22] *Série Janelas*. Vale do Capão, Bahia, 2011
- [FIGURA 23] *Série: Fotógrafos*. Recife Antigo, Pernambuco, 2011
- [FIGURA 24] *Sofá*. SQS 416. Brasília, DF, 2012
- [FIGURA 25] *Sem Título*. Construção Abandonada. Alto Paraíso, Goiás, 2012
- [FIGURA 26] *Perfumado*. Banheiros, Universo Paralello. Praia de Pratigi. Bahia 2011

- [FIGURA 27] *Dorminhoco*. 2 norte. Brasília, DF, 2012
- [FIGURA 28] *Vagabundagi*. SQN 207. Brasília, DF, 2012
- [FIGURA 29] *Série: Engolidores*. L2 Norte. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 30] *Série: Dorminhocos*. Passarela Subterrânea 11 sul. Brasília, DF, 2010
- [FIGURA 31] *Xis. Série: Fotógrafos*. Casa Azul. Olinda, Pernambuco, 2011
- [FIGURA 32] *Penitenciária/Galeria de Arte*. Obra na exposição coletiva do projeto FORA DO EIXO. Espaço Cultural Renato Russo. Brasília, DF, 2011
- [FIGURA 32] *Pequeno Gigante*. Obra na exposição coletiva Arte Radical. Espaço Cultural Contemporâneo ECCO. Brasília, DF, 2012
- [FIGURA 33] Registro do *Artefato Nº1*. 2008
- [FIGURA 34] Registro do *Artefato Nº1*. 2008
- [FIGURA 35] Registro do *Artefato Nº1*. 2008
- [FIGURA 36] Registro do *Artefato Nº1*. 2008
- [FIGURA 37] Manual de Instruções
- [FIGURA 38] Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012
- [FIGURA 39] Registro do *Projeto Lambe-Lambe*. 2011
- [FIGURA 40] Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012
- [FIGURA 41] *Caderno de Caligrafia Urbana* - Primeira parte: Alfabeto
- [FIGURA 42] *Caderno de Caligrafia Urbana* - Segunda parte: Exercícios
- [FIGURA 43] Capa. *Caderno de Caligrafia Urbana*
- [FIGURA 44] Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012
- [FIGURA 45] Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012
- [FIGURA 46] Registro da Interação dos expectadores com a obra e o espaço expositivo.
- [FIGURA 47] Registro da Interação dos expectadores com a obra e o espaço expositivo.
- [FIGURA 48] Registro da Interação dos expectadores com a obra e o espaço expositivo.
- [FIGURA 49] Registro do resultado final da obra interativa, último dia da exposição.

INTRODUÇÃO:

“Infiltrações” é um trabalho reflexivo sobre a poética e a pesquisa do meu trabalho em Arte ligado a situações de *site specific* e intervenções urbanas.

O trabalho aqui apresentado é dividido em 3 capítulos. No capítulo 1, “A performance Invisível”, falo sobre minha trajetória artística, mostrando como e quando foi a minha decisão de ir para as ruas e participar do cenário urbano através da linguagem do grafite e suas diferentes vertentes. No segundo capítulo, “Mundo Fantástico das Ruas” apresento o projeto que estou desenvolvendo desde o ano de 2009, um projeto prático de intervenções e pinturas urbanas ligadas a *site specific*. O terceiro e último capítulo “Infiltrações”, que nomeia esse trabalho, apresento minha pesquisa e o desenvolvimento de Obras de Arte relacionadas a poética e a potência da intervenção urbana, destinadas aos espaços institucionalizados da Arte, como galerias e museus.

Devido a intervenção urbana e os grafites com suas várias vertentes ser julgado como vandalismo e depredação do patrimônio público não só pelas autoridades, mas por grande parte da população, existem poucos relatos e reflexões críticas feitas por artistas que praticam essas ações. Entretanto considero de grande importância histórica e de grande importância acadêmica a visão do artista sobre o próprio trabalho, afinal tudo que se é vivido reflete diretamente ou indiretamente nas obras e ideologia desse artistas, não se restringindo apenas a reflexões teóricas embasadas em autores muitas vezes tão alheios a essa produção pratica da Arte.

Nesse trabalho optei por fazer um memorial reflexivo sobre minha produção em Arte, apresentando como referência minhas memórias e minhas sensações vividas durante minhas experimentações nas ruas. Apresento também como referência estética e imagética artistas que fazem da rua o suporte de seus trabalhos, artistas anônimos, com pseudônimos e artistas conhecidos no mercado e na historia da arte.

CAPÍTULO 1 – A PERFORMANCE INVISÍVEL

Como e quando foi a decisão de intervir nas ruas?

A sensação de adrenalina no corpo era a meta final para qualquer atividade a ser desenvolvida por mim e por meus amigos durante a infância e a adolescência. Dentre essas atividades e vivências, a mistura entre os esportes radicais e atividades de desafio as leis da gravidade refletiram diretamente no meu trabalho nas artes. A mistura entre o universo do Skate, as pistas de skate grafitadas, toda a cultura hip-hop, o *rock'n roll* e o meu interesse por desenhar culminaram na minha vontade por aprender a grafitar e a escrever e ler tais letras e códigos escritos e pintados nas paredes das cidades.

Meu interesse foi tamanho que nos anos 2000, com apenas 11 anos de idade comecei a observar mais, treinar nas folhas do caderno e buscar materiais de referência, como internet, revistas e livros. Minha vontade de fazer grafite e pintura na rua nessa época era totalmente dificultada pelo fato da carência de matéria-prima de qualidade e do medo de estar praticando uma ação completamente marginalizada e fora da lei.

Pesquisei, aprendi e pratiquei; sobre a pichação ou pixação, pixo, *tag*, que são assinaturas de codinomes com uma caligrafia estilizada pessoal ou dentro de um alfabeto informal aprendido pela observação das escritas urbanas, geralmente pintado com spray da cor preta; sobre os *bombs* que é a escrita de letras com volume, preenchimento com cores, contornos e efeitos de degrade; sobre os personagens, ou personas, que são caricaturas geralmente ligadas ao tema e ao universo do hip-hop; sobre os lambe-lambes, que são cartazes feitos pintados ou desenhados a mão, ou feitos por colagem, serigrafados ou fotocópias, que são colados nas ruas com grude, que é uma espécie de cola feita a partir da mistura de água e maizena, ou com cola branca diluída em água; sobre o *stencil*, que são moldes vazados, fáceis e rápidos de serem estampados, aplicando o spray sobre o molde;



[FIGURA 1] Fotos de desenhos e rascunhos de grafites.

Brasília. 2003/2004



[FIGURA 2] Fotos de Lambe-Lambes.

Espalhados por Brasília no ano de 2004.

Comecei a grafitar e pichar as ruas por volta do ano de 2003 e pouco a pouco conheci pichadores, grafiteiros e artistas que também usavam a rua como suporte para seus trabalhos e com isso troquei muitas informações e aprendi novas técnicas e uma espécie de lei *underground*, da dinâmica da rua, do respeito e da “ética” com as intervenções já existentes.



[FIGURA 3], [FIGURA 4] e [FIGURA 5]

Fotos de Grafites em Brasília. 2003, 2004 e 2004

Para as leis da rua, independente da “qualidade” do trabalho que existe na rua, do número de cores ou mesmo do nível de detalhamento da intervenção, sendo ela uma super produção ou até mesmo uma pichação deve ser respeitada igualmente. A intervenção esta ligada a marca de território, a apropriação da propriedade pública ou privada, e o “dono” do espaço se torna aquele que primeiro intervêm.

Alguns códigos do grafite e da pichação acaba sendo restrita apenas ao meio de quem as pratica. Devido o caráter de desobediência civil, das leis e dos questionamentos a propriedade, os interventores assinam por meio de códigos e com pseudônimo as suas obras. Dentro desse meio, os interventores se conhecem e se reconhecem nos trabalhos na rua. Algumas das estratégias utilizadas para ganhar reconhecimento neste meio são: quantidade de intervenções espalhadas pela cidade; tamanho das intervenções; localização (áreas de grande circulação de pessoas, e de grande nível de segurança); e a altura em que é realizada a intervenção. Junto a todas essas categorias, a qualidade técnica da intervenção também é valorizada: como letras bem desenhadas, contornos precisos e imagens com preenchimentos bem feitos.

Experimentei diferentes técnicas e estéticas do grafite e das intervenções urbanas artísticas, e descobri na pintura a maneira ideal para expressar minhas ideias. Devido a dificuldade e o alto custo de aquisição de material próprio para grafite, a história do grafite no Brasil sofreu uma adaptação na técnica criada em Nova York, que por não ter acesso a *sprays* de boa qualidade de preenchimento e uma gama de cores limitada, os brasileiros começaram a pintar nas ruas com tintas de parede, rolinho e pinceis. Essa adaptação gerou o que hoje é uma das características mais importantes da estética do grafite latino americano, que são grandes pinturas com cores chapadas e opacas pintadas com tinta de parede com contornos e detalhes feitos com spray. E foi essa a técnica que escolhi para minhas pinturas, pois além de ter um custo menor, essa técnica foi a que tive mais contato visual pelas ruas de Brasília e em outras cidades do Brasil e que considero minha verdadeira escola de grafite.

Pintar na rua utilizando pinceis e rolos de tinta aumentam o controle sobre pequenos detalhes e traços finos, entretanto ampliam o tempo de execução da pintura em quase 5 vezes, pois exigem um tempo maior para a secagem da tinta antes de sobrepor outras camadas e contornos. Já o *spray* específico para grafite possui uma grande gama de cores e diferentes tipos de pressão do aerosol e das válvulas que controlam as saídas de tinta (*caps*), possibilitando o preenchimento de grandes superfícies em poucos minutos. Entretanto além de ser mais caro a pintura feita apenas com *spray*, a construção histórica da utilização dessas latinhas de aerosol, que fazem um barulho típico quando agitadas, estão completamente associadas com atividades de vandalismo e pichação, fazendo assim qualquer transeunte que veja algum jovem utilizando esse material nas ruas denunciar a ação para alguma autoridade policial ou de segurança privada, tornando o ato de pintar um perigo maior ao interventor. E foi com a combinação desses dois estilos e materiais de pintura que desenvolvi minha maneira de intervir na rua.

Essa combinação entre uma pintura rápida de ser feita e com um custo barato me possibilitou fazer muitas experimentações pelas paredes das cidades. Desde pichações, *bombs*, *stencil* até pinturas abstratas, personagens, caricaturas e frases de protesto contra o governo, corrupção e outros fatos sociais.

A grande maioria das minhas intervenções entre os anos 2003 e 2007 foram feitas na calada da noite, enquanto a cidade dorme. Entre os becos escuros, passagens subterrâneas de pedestres, construções abandonadas, vagões de trem e

viadutos de carros, durante a madrugada apenas seres do submundo circulam. Baratas, ratos, moradores de rua, usuários de drogas pesadas, prostitutas, bandidos, bêbados saindo dos bares e festas, pichadores, grafiteiros e policiais transitam por esses locais, todos expostos um ao outro, tornando qualquer ação de intervenção urbana uma missão perigosa e arriscada. Qualquer pessoa vista na rua durante a madrugada é considerado “vagabundo”, “marginal” e está sobre suspeita.

Vivi nessas missões da madrugada inúmeros episódios estranhos, fuga de polícia, fuga de seguranças privados e até de pessoas comuns. Pessoas que pintam durante a madrugada são definitivamente consideradas marginais, e quando finalmente tive essa percepção resolvi abordar novas estratégias para intervir no espaço urbano.

A pergunta principal foi: “Como posso ficar invisível?”. Após refletir sobre toda essa situação cheguei a conclusão que pessoas que transitam na rua estão condicionadas a interpretar e reagir as situações de uma forma massificada, principalmente quando estão nos seus deslocamentos cotidianos. No ano de 2007 tive então a ideia de pintar na rua durante o dia em horários movimentados, usando roupas comuns, camiseta branca e calça *jeans*, resumi meu material principalmente a tintas de parede, rolinhos e pinceis, e resolvi pintar na rua com mais “dignidade” e assumir a ação que estava fazendo como um trabalho comum do meu dia a dia. Como em um passo de mágica, descobri o segredo pra minha invisibilidade. O que é mais invisível que um trabalhador? Que um faxineiro, um pedreiro, **um pintor de parede?**

Essa mudança de atitude me fez ter cada vez mais contato com as pessoas comuns que transitavam pelos locais onde pintava, que são as pessoas que mais tem contato com essa intervenção. A minha invisibilidade funcionava perfeitamente, entretanto a cada pintura, no momento em que eu estava terminando meus desenhos, e a minha pintura não era mais apenas uma massa de tinta, as pessoas que passavam entendiam que o que eu estava pintando não era apenas uma propaganda ou uma fachada comum de uma loja, e ali elas entravam em contato com uma situação fora do comum de seu cotidiano. Perguntas como “Isso é arte?” ou “Pra que que você esta pintando isso?” começaram a ser feitas pelas pessoas que passavam por mim durante o processo da intervenção, e isso começou a me intrigar bastante e comecei a me questionar sobre o que eu realmente queria com essas intervenções.

Simultaneamente a esses acontecimentos, inicie o estudo em Artes Visuais na Universidade de Brasília. Lá comecei a ter contato com diversas outras questões do fazer artístico que até então não associava a minha atividade nas ruas. Estudei diversos artistas contemporâneos e outros movimentos históricos da arte, e mesmo não conseguindo “encaixar” minhas intervenções dentro da academia, ela me ajudou a complementar minhas questões sobre o meu fazer artístico.

Estou fazendo arte? Para quem estou fazendo essas intervenções? Qual meu público alvo? Como atingir o máximo de pessoas que passam por minha intervenção? As pessoas conseguem “ler” o grafite? Como fazer as pessoas gostarem do meu grafite? Como transformar a pessoa que me vê pintar na rua em meu cúmplice, uma pessoa que me apoia e que além de não me denunciar me ajuda de alguma maneira nessa intervenção?

Essa série de questões me ajudaram a repensar todo o meu trabalho de intervenção urbana e grafite. A partir desse marco, percebi que o espaço da rua era mais nobre do eu imaginava, e vi que meu trabalho com intervenção nesses espaços poderiam causar transformações até no humor das pessoas que entravam em contato com a mesma.

Mudei um pouco o estilo das minhas pinturas e a minha paleta de cor. Comecei a assinar meus trabalhos com um tipo de letra que todos podem ler. Passei a pintar personagens que qualquer pessoa pudesse ao menos entender a imagem e aí sim escolher se identificar ou não com a minha intervenção.

Um dia estava eu andando de bicicleta a caminho de casa, durante a madrugada, no momento em que o trânsito quase não existe e as ruas estão vazias, e passei por um objeto que me chamou bastante atenção. Fiquei instigado com a situação e resolvi voltar e ver de perto o que era aquela peça de metal retorcida, e logo percebi que era parte de uma placa de sinalização de trânsito, que provavelmente foi danificada devido a algum acidente de trânsito. Por alguns minutos observei esses destroços da placa, e logo vi um coelho. No dia seguinte, voltei no mesmo local e pintei o tal coelho.



[FIGURA 6] *Coelho que fugiu da Cartola.*
Setor Bancário Sul. Brasília, DF, 2010

Dois anos se passaram e essa intervenção continuava no mesmo local, ou seja, a transformação desse entulho fez com que o serviço de limpeza urbana não retirasse esse “entulho” mesmo com a pintura já bem velha e desbotada. Resolvi voltar no coelho e repintá-lo e a partir de então fazer essa manutenção e testar quanto tempo essa intervenção resistirá.



[FIGURA 7] *Coelho que fugiu da Cartola - (Re)intervenção Urbana*. Setor Bancário Sul. Brasília, DF, 2012

Ao perceber que o impacto das minhas intervenções quando associadas a forma da superfície, local ou objeto prendiam a atenção do transeunte por mais tempo e com isso ampliava a possibilidade de leitura e fruição da obra pelo mesmo, descobri que esse era o tipo de espaço propício para abrigar meu trabalho e passar a minha mensagem. Após essa percepção desenvolvi uma série de trabalhos ao qual nomeei “Mundo Fantástico das Ruas”, que será apresentado no próximo capítulo.

Creio que tudo que vejo, escuto e sinto influencia direta ou indiretamente o meu trabalho, mas se tratando de intervenção, alguns artistas tem relação direta com os conceitos e com a estética que eu venho pesquisando, que são: Basquiat, Andy Warhol, Banksy, Blu, OSGEMEOS, Alexandre Orion, C215, Nove, Limpo, Chivitz, Mello, Onio, DF Zulu, Vicio, Flashbach Crew, Higrapp, Level, Calma, Coletivo Poro, Cildo Meireles, Marcel Duchamp e Helio Oiticica. Dentre esses artistas acima citados, há desde nomes consagrados na historia da Arte, da história do grafite e da intervenção urbana mundial até nomes de grafiteiros fora do circuito “comercial” que conheci os trabalhos nas ruas pelo mundo.

CAPÍTULO 2 - MUNDO FANTÁSTICO DAS RUAS



[FIGURA 8] O Engolidor.

L2/ Esplanada dos Ministérios. Brasília, DF, 2010

O “Mundo Fantástico das Ruas” é um projeto experimental de intervenções urbanas, no qual são utilizadas múltiplas formas de expressão, que incluem processos escultóricos, apropriações, ocupações, pinturas, instalações, grafite, lambe-lambe (cartazes colados nas ruas), *stencil* e desenho.

As ações nomeadas “mundo fantástico das ruas” são idealizadas, projetadas, executadas e registradas levando em consideração, os aspectos arquitetônicos, urbanísticos e a realidade social encontrada na comunidade que habita e transita pelos arredores do local escolhido para abrigar a ação/obra. Nele se busca uma transformação do ambiente urbano e a aproximação de um mundo imaginário e lúdico através de trabalhos *site specific*, “no qual o projeto se estabelece a partir de

condições espaciais, temporais e de características específicas estabelecidas pela relação: obra x lugar x expectador”. (FUREGATTI, Sylvia 2007)

As técnicas utilizadas são escolhidas a partir do surgimento da ideia ou do local de onde ela será executada, levando em consideração as características e condições físicas do espaço, bem como o tempo limite para a execução da obra.

“As intervenções urbanas discutem o aqui e agora, Ela não apenas critica, reivindica, exige, reclama ou denuncia, mas está visceralmente ligada à vida. Não é apenas uma ação plástica (...)”

(PROSSER, Elisabeth Seraphim, 2010)

Com uma proposta de aproximação entre arte e vida cotidiana, uma das facetas do projeto é ativar e transformar espaços “mortos” da cidade, como muros cinzas, locais abandonados, caixas d’água, postes, calçadas, viadutos, residências, passagens subterrâneas, placas, caixas de energia e etc.



[FIGURA 9] Alô 45. Série: Engolidores.
Skate Park do Cruzeiro. Brasília, DF, 2010

Através de algo simples, divertido e criativo o meu trabalho busca provocar nas pessoas novas maneiras de ver, sentir, ser e estar no mundo e no cenário urbano e cotidiano.



[FIGURA 10] *Brisa. Série: Janelas.*
Christiania. Copenhagen, Dinamarca, 2010



[FIGURA 11] *Garoto Enxaqueca.*
Setor de Radio Norte. Brasília, DF, 2012

Em meio a essa espécie de balbúrdia imagética, o olhar do habitante das cidades torna-se analogamente fragmentado e superficial, e inevitavelmente seletivo, pois não é humanamente possível atentar integralmente a todas as proposições visuais apresentadas, cujo superpovoamento ocasiona uma saturação dos sentidos.

PENNACHIN, Deborah Lopes. Arte no espaço urbano- Reflexões sobre a experiência contemporânea do graffiti- A cidade como corpo ampliado da arte. Sem Data

Estimular o público, geralmente transeuntes urbanos, pedestres, passageiros ou motoristas a refletir sobre o que ocorre ao seu redor e de alguma forma interagir com ele, estimula novas relações afetivas entre eles e a cidade, e transforma essa fração de um dia comum, em uma memória positiva desse local ou situação.

O graffiti abre uma brecha do ritmo vertiginoso da cidade, oferecendo-se aos olhos de quem quer que seja que se proponha a contemplá-lo, deixando um pouco de lado as urgências do cotidiano.

PENNACHIN, Deborah Lopes. Sem Data

A mistura de técnicas e conhecimentos do universo do grafite com minha investigação poética, ligada a situações urbanas de *site specific*¹ vem se desdobrando em uma série de pinturas urbanas, que contém como essência o humor e o caráter lúdico.

No meu processo de execução dessas obras, eu me aproprio do espaço que vai receber meu projeto, e nele aplico minhas ideias, minhas tintas, canetas e colagens.

A grande maioria dos lugares onde fiz e faço minhas intervenções estão no meio dos meus deslocamentos cotidianos pela cidade. Ao transitar de um lugar a outro meus olhos estão sempre atentos e meu pensamento condicionado a olhar

¹ *site specific* -“Não existe uma tradução para o termo *site-specific* no português e essa prática é muito mal compreendida no Brasil, comumente reduzida a mais uma categoria artística, significando instalações criadas para “locais específicos” dentro de espaços expositivos. Mais apropriadamente, o *site-specific* é um procedimento, uma prática, um método de trabalho, que implica o estudo de contextos específicos, em uma reflexividade crítica, e pode assumir formas as mais diferentes” (KUNCH, Graziela. **Revista Urbânia 3** – São Paulo, abril de 2008)

para rua como uma estrutura em potencial, como uma matéria prima de minhas ideias e devaneios.

Devido a essa atenção e observação dos lugares por onde passo, acabo conhecendo muito bem esses locais, desde suas obras arquitetônicas até seus becos sujos e entulhos nos cantos. Objetos inusitados, construções com formas geométricas fora do comum, casas abandonadas e entulhos no meio da rua me despertam a imaginação, e como em uma brincadeira de uma criança buscando formas de animais nas nuvens, fico eu buscando meus personagens pelos lugares onde ando.

Ao observar a rua, comecei a perceber formas que se repetem, e situações semelhantes por todos os lados. A partir disso comecei a criar uma espécie de banco de imagens, de desenhos e personagens que se encaixariam nessas situações. Em alguns casos o personagens ou a proposição final da intervenção final é tão clara na minha mente que faço a pintura diretamente no local, sem nenhum rascunho prévio. Em outros casos fico intrigado com o local e busco através de rascunhos diferentes formas de abordagem da situação, podendo demorar alguns dias até encontrar a melhor solução para mim.

A temática que vem sendo trabalhada em minhas pinturas está relacionada ao universo do circo, do teatro da música e do folclore. Nessas pinturas procuro retratar personagens mambembes, palhaços, mímicos, brincantes populares e artistas de rua, que são personagens que surgiram nos centros urbanos, em feiras e em praças e que são ligados ao mundo da fantasia e ao universo lúdico, mas que na vida real se encontram em uma situação marginalizada.

Nas minha imagens utilizado contornos marcados, traços fortes, rápidos e firmes, rabiscos, preto e branco e cores apenas em detalhes. Faço personagens longilíneos com acentuação das distorções e deformações corporais, roupas listradas, o uso de chapéus e ausência de cabelos. Essa simplificação e repetição além de otimizar e tornar mais veloz a intervenção na rua, faz com que o expectador associe diferentes obras espalhadas pela cidade a um mesmo autor.

Outro ponto que repito, como uma assinatura em minhas pinturas são os olhos fechados com ou sem cílios e bochechas rosas. Esses códigos facilitam a identificação e associação rápida do espectador que passa pela intervenção.

O grafiteiro (...) vivencia o ambiente urbano com um olhar diferenciado, buscando em sua paisagem sinais que passam despercebidos para a maioria das pessoas. Dentre todos os códigos publicitários ou logísticos da metrópole, no que vem a se configurar uma verdadeira miscelânea simbólica, constituída dos mais diversos tipos de signos, o grafiteiro distingue elementos importantes para a sua atividade.

(...)

Ao transitar pelo espaço urbano e utilizarem-se dele como suporte para seus trabalhos, esses artistas criam com a cidade uma relação bastante peculiar, e os percursos que fazem ao longo de sua experimentação das ruas reconfigura o espaço de acordo com uma territorialidade alternativa, baseada na vivência criativa da cidade.

PENNACHIN, Deborah Lopes. Sem Data

O meu mundo fantástico das ruas, um mundo mais leve e lúdico, cheio de surpresas e gentilezas espalhadas por lugares inusitados se amplia cada vez mais. Minha atitude “ilegal” resulta em um trabalho “muito legal”, e o que venho fazendo através das minhas Obras de Arte não encomendadas e espontâneas tem transformado locais abandonados pelo sistema governamental e pela população em geral em locais melhores de se viver. Meus trabalhos tem causado não apenas mudanças físicas nas ruas, mas principalmente causado transformações na forma que as pessoas veem suas próprias ruas, e como isso tenho estimulado novas intervenções, como reformas, limpeza urbana, jardinagens e novas pinturas, em locais antes abandonados por anos.

E por que não intervir? Uma questão ética? Medo da punição da legislação? E se o muro é seu, você pode intervir nele? E se o bairro é seu? E se a cidade é sua? E se o país ou o mundo é seu? E se o mundo é de todos? Construções públicas? E se a minha ética é diferente da sua, qual seria a melhor escolha? Creio que o maior motivo das pessoas não intervirem no espaço dito público passa por essas questões, e é exatamente esse o tabu que busco quebrar ao tentar cativar os expectadores com minhas intervenções urbanas e meu mundo fantástico das ruas.

2.1 - REGISTROS DO MUNDO FANTÁSTICO DAS RUAS



[FIGURA 12] Série: Dorminhocos.
Setor de Embaixadas Sul. Brasília, DF, 2010



[FIGURA 13] *Piscina de ondas*.
Clube Abandonado. Creta, Grécia, 2010



[FIGURA 14] *Nada*.
Escola Abandonada, Lago Sul. Brasília, DF, 2010



[FIGURA 15] Magrão.
Creta, Grécia, 2010



[FIGURA 16] Minotauro.
Sougia. Creta, Grécia, 2010



[FIGURA 17] Gentileza.
Minhocão. São Paulo, 2010



[FIGURA 18] Barrilonia.
Casa Ocupa Barrilonia. Barcelona, Espanha, 2010



[FIGURA 19] Série: Engolidores.
Floating City. Copenhagen, Dinamarca, 2010



[FIGURA 20] Série: Janelas.
Barrio Chino. Barcelona, Espanha, 2010



[FIGURA 21] Rua dos Bobo Nº 0.
Floating City. Copenhagen, Dinamarca, 2010



[FIGURA 22] *Série Janelas.*
Vale do Capão, Bahia, 2011



[FIGURA 23] *Série: Fotógrafos.*
Recife Antigo, Pernambuco, 2011



[FIGURA 24] *Sofá.*
SQS 416. Brasília, DF, 2012



[FIGURA 25] *Sem Título.*
Construção Abandonada. Alto Paraíso, Goiás, 2012



[FIGURA 26] *Perfumado*.
Banheiros, Universo Paralello. Praia de Pratigi. Bahia 2011



© Gabriel Marx
[FIGURA 27] *Dorminhoco*.
2 norte. Brasília, DF, 2012



[FIGURA 28] *Vagabundagi*.
SQN 207. Brasília, DF, 2012



[FIGURA 29] *Série: Engolidores.*
L2 Norte. Brasília, DF, 2010



[FIGURA 30] *Série: Dorminhocos.*
Passarela Subterrânea 11 sul. Brasília, DF, 2010



[FIGURA 31] *Xis. Série: Fotógrafos.*
Casa Azul. Olinda, Pernambuco, 2011



[FIGURA 31] *Penitenciária/Galeria de Arte*.
Espaço Cultural Renato Russo. Brasília, DF, 2011
Obra na exposição coletiva do projeto FORA DO EIXO



[FIGURA 32] *Pequeno Gigante*.
Espaço Cultural Contemporâneo ECCO. Brasília, DF, 2012
Obra na exposição coletiva Arte Radical.

CAPÍTULO 3 - INFILTRAÇÕES

A palavra “infiltrar” é definida como: “Penetrar através dos poros de um corpo sólido. Insinuar-se, introduzir-se pouco a pouco / Embeber-se, impregnar-se.” (Dicionário Aurélio). Palavra essa escolhida por mim para nomear o processo inverso ao processo dos “transbordamentos” apresentados por Sylvia Fugaretti em sua tese sobre “Arte e Meio Urbano” do ano de 2007.

Sylvia em sua tese “disserta sobre os aspectos constitutivos da prática e do discurso das formas da ação artística contemporânea no espaço aberto e urbano brasileiro”, dedicando sua análise “ao contexto de projetos artísticos e curatoriais instaurados ao longo da segunda metade do século XX, principalmente localizados nas décadas mais recentes, posteriores aos anos 1960.” (FUGARETTI, Sylvia, 2007). O texto pontua e analisa projetos brasileiros contemporâneos de artistas como Helio Oiticica, Artur Barrio, Cildo Meireles, Grupo 3Nós3, José Resende, dentre outros, e os define como participantes desse processo de transbordamento, que seria a obra de arte no meio urbano, ou intervenções urbanas como a “extensão do trabalho iniciado dentro dos museus”(FUGARETTI, 2007, p. 28).

Dentro dessa perspectiva a respeito dos “transbordamentos”, resolvi intitular a pesquisa em arte que venho realizando como “Infiltrações”, pois são obras que buscam levar a potência e a poética da arte “urbana” e da intervenção urbana para dentro dos espaços expositivos e institucionalizados da arte, sendo elas portanto a extensão do meu trabalho iniciado nas ruas.

As “Infiltrações” são obras desenvolvidas para habitar esse novo local dentro do meu campo de atuação, obras que permeiem os protocolos das instituições e que se infiltram nesse sistema tentando manter a subversão das propostas de intervenção urbana, fazendo assim uma ponte entre esses dois universos.

A intervenção urbana é caracterizada pelos questionamentos sociais, políticos ou estéticos na arena pública, espontaneidade, diálogo com o local, quebra dos

protocolos da arte convencional, temporalidade volátil, ênfase nas sensações e interpretações e não na monumentalidade. Buscando levar essa carga da intervenção urbana para a galeria de arte ou outro espaço institucionalizado, venho desenvolvendo estratégias de elaboração de obras que contenham a essência da intervenção urbana e que possam se apresentar como propostas de atuação no espaço urbano.

Dentro da história da arte vemos diversos exemplos de inserção da “arte urbana” e do “*graffiti*” nas galerias, museus e no mercado de arte, dentre os quais podemos citar artistas como o Basquiat, Keith Haring, ou até mesmo artistas mais contemporâneos a meu tempo como Banksy, Calma, OsGêmeos e Obey, dentre outros. O trabalho desses artistas para serem expostos dentro de espaços fechados como as galerias, se utilizaram de diferentes estratégias, como pintar ou “grafitar” as paredes da galeria, “grafitar” telas, deslocar obras feitas para a rua ou até mesmo expor apenas o registro da intervenção urbana.

Admiro e reconheço o grande trabalho e a pesquisa que esses artistas desenvolveram e desenvolvem, entretanto as infiltrações buscam um outro caminho. O grafite atualmente está em evidência na mídia corporativa, na moda e é cada vez mais aceito na sociedade atual, entretanto cada vez mais seu caráter de contracultura, desafio a propriedade privada e seu caráter subversivo desaparece. É exatamente essa essência que busco resgatar na minha pesquisa em “infiltrações”.

O objetivo das obras nomeadas de “infiltrações” é provocar e trazer reflexões sobre o espaço urbano e a sua ocupação. É a inserção de trabalhos considerados como “ilegais”, “não arte”, “depredação”, “vandalismo”, “crime ambiental”, no sistema e no mercado de Arte. As “infiltrações” são convites para a participação do espectador na ativação da obra como uma intervenção urbana, são estímulos ao questionamento da propriedade privada e apropriação artística das mesmas.

Proponho nesse trabalho, obras como manuais de intervenção, obras como objetos de intervenção, manuais de leitura e escrita de pichação. Nessa linha de pesquisa e experimentação, minhas “infiltrações” buscam levar esse universo marginalizado da arte para dentro dos espaços elitizados e institucionalizados.

Nessa linha de trabalho, a seguir apresento 3 experiências de minha autoria, que são: “Artefatos de Intervenção em Cimento Fresco”, “Projeto Lambe-Lambe” e “Caderno de Caligrafia Urbana”.

3.1 - ARTEFATOS DE INTERVENÇÃO EM CIMENTO FRESCO



[FIGURA 33]

Os “Artefatos de Intervenção em Cimento Fresco” são obras escultóricas feitas em formato de ferramenta, projetadas para ação direta sobre o cimento fresco. Como uma espécie de carimbo, a pessoa que estiver utilizando o artefato o pressiona sobre o cimento fresco e nele grava a forma da ferramenta.

Essa obra foi idealizada para ser um simulador de uma ação real nessa superfície, inspirada a partir de intervenções feitas de maneira popular no centros urbanos, que são as marcas de mão, pegadas, pneus de bicicleta e nomes ou desenhos marcados pela rua nas calçadas de concreto.

O “Artefato N°1” recebe como imagem a ser gravada no cimento, a copia real do rosto do artista de rua PLIC. A aplicação dessa peça sugere ao transeunte que não viu a ação da intervenção, que uma pessoa botou realmente o rosto no cimento, como uma espécie de marca, como é feita com a palma das mãos. O resultado esperado como reação é primeiramente ser recebido como uma verdade e gerar um estranhamento ao se imaginar quem fez aquilo. Com isso, essa peça escultórica gera três desdobramentos. O primeiro desdobramento é a própria ação da intervenção. A segunda é a impressão que permanece no *site specific*. E a terceira é a exposição da “ferramenta” como obra.

O Artefato ainda contém em seu verso um manual de instruções de utilização do mesmo, feito de uma forma irônica e utilizando códigos, diagramação, ilustração e símbolos da indústria de produtos e mercadorias.

Esse artefato é uma matriz, a qual pode ser utilizada por qualquer pessoa mantendo a mesma imagem final, tornando sua reprodutibilidade apenas técnica.



[FIGURA 34], [FIGURA 35] e [FIGURA 36]

ATENÇÃO


Os "Artefatos de Intervenção em Cimento Fresco" são obras escultóricas feitas em formato de ferramenta, projetadas para ação direta sobre o cimento fresco. O "Artefato Nº1" recebe como imagem a ser gravada no cimento, a cópia real do rosto do artista de rua PLIC. Como uma espécie de carimbo, a pessoa que estiver utilizando o artefato o pressiona sobre o cimento fresco e nele grava a forma da ferramenta.

*Este artefato foi desenvolvido para ser utilizado em intervenções urbanas, **não** sendo aconselhado a utilização do mesmo em áreas com autorização.

Modo de Usar: Esperar a área de atuação ficar mais "tranquila". A superfície a ser aplicada a intervenção deve estar ainda mole. Sobre o cimento fresco, pressionar o artefato de 3 a 5 segundos. Para um resultado ainda mais satisfatório, aplicar de cada lado do rosto a palma das mãos (ilustração explicativa abaixo). Após terminada a obra é aconselhável sair do local da ação.



RECOMENDAÇÕES:

- Manter ao alcance de crianças;
- Limpar após o uso; 
- Fotografar antes, durante e depois da ação;
- Em caso de ingestão, procurar um Médico;
- Em caso de censura, justificar o valor da ação artística e defender a importância das intervenções urbanas no atual cenário artístico brasileiro e mundial.

EM CASO DE EMERGÊNCIA



- BATER E CORRER
OU
- CORRER (MUITO)



[FIGURA 37] Manual de Instruções



[FIGURA 38] Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012

3.2 - PROJETO LAMBE-LAMBE



[FIGURA 39]

O “Projeto Lambe-Lambe” é um projeto de intervenção urbana que visa espalhar por diversos pontos da cidade pirulitos gigantes, feitos a partir da apropriação e intervenção em placas de trânsito. O próprio título da obra é uma metáfora, uma brincadeira a respeito da técnica utilizada e a imagem a ser feita.

O poste da placa será pintado com *spray* branco e na placa será colado o papel contendo uma estampa de um espiral fluorescente. Após esta etapa, a placa será coberta por um plástico transparente e amarrado um laço de fita vermelha.

Lambe-lambe é o nome popular utilizado para a técnica de intervenção urbana na qual são fixados cartazes de papel nas ruas com cola branca ou grude (cola feita a partir de água e farinha de trigo). Esses cartazes podem apresentar tanto um caráter artístico, como político ou publicitário.

Essa obra, antes existente apenas em meus devaneios ao andar pelas ruas, a partir de estímulos aleatórios se desdobrou antes mesmo de ser efetivado nas ruas, em uma obra a ser exposta em espaços internos. O projeto de uma obra foi emoldurado e virou um quadro, tornando o que seria antes um rascunho de uma intervenção em um método para a realização dessa intervenção, com o passo a passo nele apresentado esquematicamente com o uso de fotos, anotações e desenhos.

Junto ao quadro será apresentado a matéria prima feita por mim, que é o cartaz de papel pintado o espiral, o plástico da embalagem do pirulito e a fita com o laço, utilizada para fechar a embalagem.

Visando criar um obra participativa e facilmente reproduzível e multiplicável, será disponibilizado na galeria um panfleto, uma fotocópia do quadro, com o passo a passo para que o expectador possa preparar a matéria-prima e executar a intervenção “Projeto Lambe-Lambe” na rua.



[FIGURA 40] Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012

3.3 - CADERNO DE CALIGRAFIA URBANA

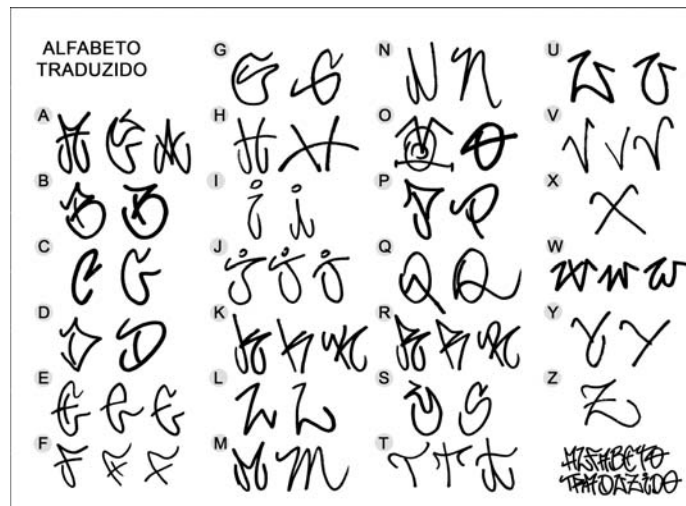


O caderno de caligrafia urbana como o nome diz é um caderno baseado nos tradicionais cadernos de caligrafia utilizados na alfabetização, mas que ao invés de ensinar as letras do alfabeto latino, ensina as letras utilizadas no cenário urbano, chamadas Pichação, Pixação ou simplesmente Pixo.

O objetivo de tal caderno, é ensinar ao expectador a ler o conteúdo e os nomes pichados pela cidade e também a escrever com esse código. O caderno foi desenvolvido dentro dos padrões estéticos dos cadernos populares, mas com acréscimo de um capítulo com a “tradução” das letras convencionais nas letras de pichação.

As letras e códigos apresentados no caderno tratam da estética da pichação vista e aprendida por mim em Brasília, entretanto existe uma série de outros estilos espalhados pelo Brasil e por outros países.

As letras das pichações são bastantes mutáveis e se alteram bastante, mesmo sendo feitas pelo mesmo interventor. Entendendo esse processo, apresento nesse caderno na primeira parte diferentes variações das letras. Já na segunda parte, a parte de exercícios foi selecionado apenas um modelo para cada letra, afim de otimizar e simplificar esse treinamento. A terceira etapa desse caderno são paginas pautadas em branco, para que o usuário do caderno tenha espaço para treinar as letras, nomes, siglas, frases, ou qualquer outra coisa que lhe interessar.



[FIGURA 41] Caderno de Caligrafia Urbana
(detalhe) Primeira parte: Alfabeto



[FIGURA 42] Caderno de Caligrafia Urbana
(detalhe) Segunda parte: Exercícios

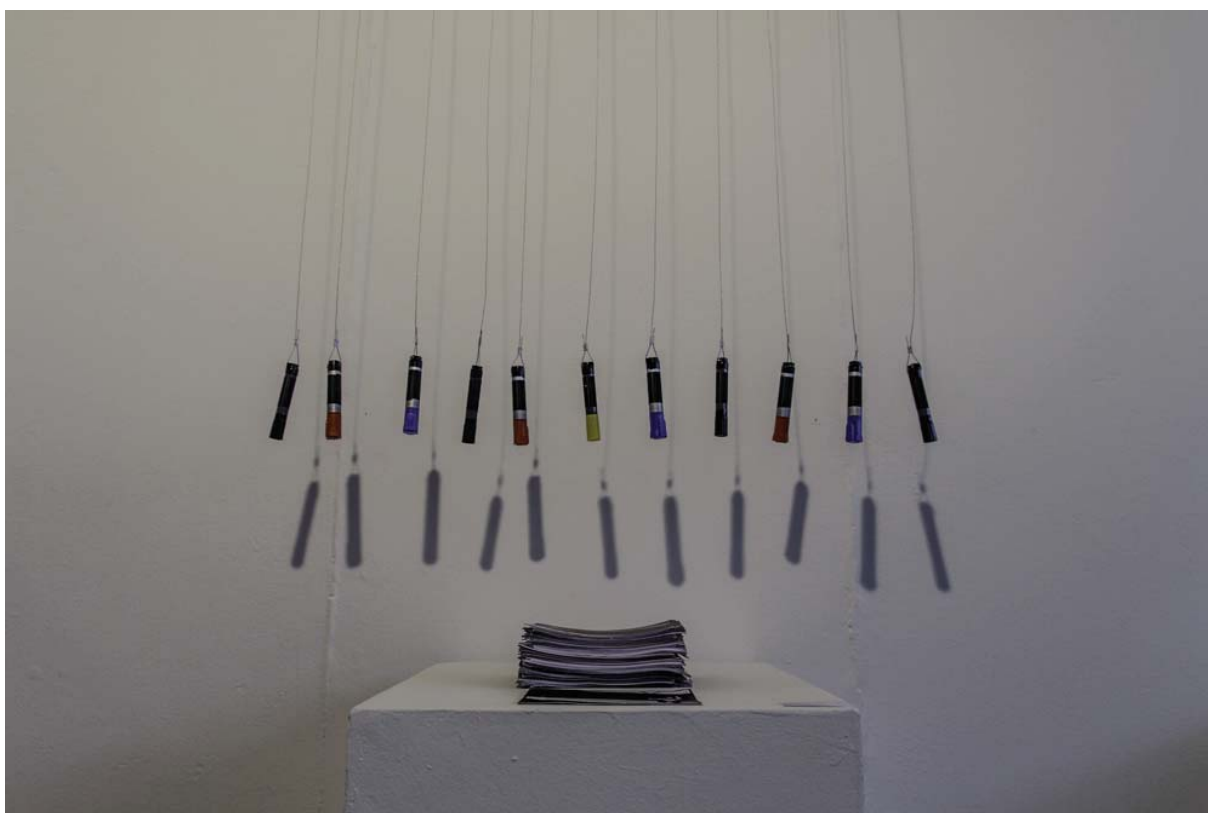


[FIGURA 43] Capa. Caderno de Caligrafia Urbana

Considero essa obra uma intervenção social, onde utilizo de técnicas de pedagogia e de mídias panfletarias, afim de espalhar um conhecimento sobre o tema e o código da pichação, e com isso estimular uma nova relação com as mesmas pela cidade.

O Caderno de Caligrafia Urbana é apresentado no espaço expositivo como uma instalação interativa. Nessa instalação os cadernos são disponibilizados em uma pilha inicialmente com 200 exemplares em cima de um cubo branco na qual o expectador pode pegar um exemplar e levar consigo. Juntamente com os cadernos, disponibilizo canetas permanentes comuns (muito utilizadas em pichações, também chamadas de canetão), penduradas como um móbile, com o objetivo de testar a participação e a intervenção do expectador nas paredes do espaço que a obra esta apresentada.

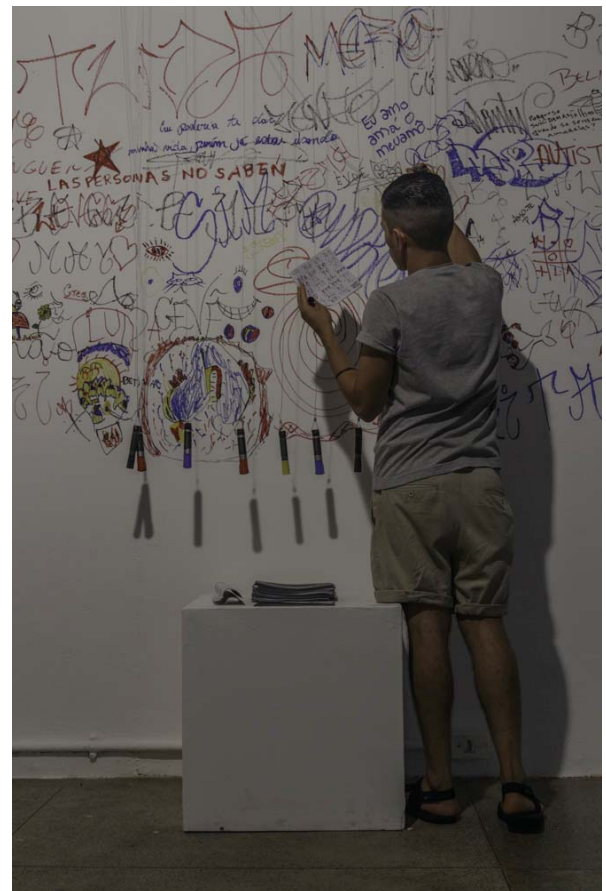
Registro do trabalho exposto na exposição de Diplomação do 2º/2012



[FIGURA 44]



[FIGURA 45]



[FIGURA 46] e [FIGURA 47]

Registro da Interação dos expectadores com a obra e o espaço expositivo.

CONCLUSÃO:

“Infiltrações” é o trabalho de conclusão do curso de Artes Visuais, Bacharelado, na Universidade de Brasília. Um trabalho de reflexão sobre o percurso e os desdobramentos das minhas intervenções urbanas e das minhas experimentações projetadas para espaços institucionalizados da Arte.

Aqui apresentei o bastidor do meu processo, falando abertamente sobre técnicas e posturas da minha “performance invisível”.

As infiltrações são trabalhos que ainda estão em fase de desenvolvimento, e que precisam ser expostas em espaços institucionalizados da arte, para que assim, a partir do contato e da resposta do expectador cativo desses espaços, eu possa avaliar a eficiência e os resultados das minhas propostas.

“Infiltrações” é um trabalho teórico-prático, que se apropria das estruturas, protocolos, convenções sociais, e da linguagem acadêmica para abordar temas e propostas rejeitadas pela ética, estética e leis que operam os sistemas institucionalizados da Arte.

Considero por tanto, todo o procedimento e o percurso ao longo dos 6 anos que estudei, teorizei, sistematizei e burocratizei minha poética, meu pensamento e meu trabalho em arte na academia, juntamente com a apresentação e defesa desse trabalho teórico, da exposição de minhas Obras na galeria de Arte da Universidade de Brasília, e da minha possível colação de grau e obtenção do título de Artista Plástico - Bacharel no Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade de Brasília a minha primeira grande experiência de “Infiltração”, e nomeio essa minha primeira grande Obra como “Conclusão”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AQUINO, Fernando; MEDEIROS, Maria Beatriz de (org.). **Corpos Informáticos. Performance, corpo, política** / Organização: Fernando Aquino e Maria Beatriz de Medeiros – Brasília : Editora do Programa de Pós-graduação em Arte, UnB, 2011.
- BANSKY. **Guerra e spray** / Banksy ; tradução de Rogério Durst. – Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012.
- BERTOLI, Mariza; STIGGER, Veronica (org.). **Arte, crítica e mundialização**. – São Paulo : ABCA : Imprensa Oficial do Estado, 2008.
- BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante: por uma estética da globalização**. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011a. (Coleção Todas as Artes).
- CASCARDO, Ana Beatriz Soares. **Graffiti contemporâneo: o consumo assumido**. PPGArtes/UERJ. Acessado no dia 30 de setembro de 2012 no site: http://www.ppgartes.uerj.br/seminario/2sp_artigos/ana_beatriz_cascardo.pdf
- CRIMP, Douglas. **Sobre as ruínas do museu** / Douglas Crimp ; fotos Louise Lawler ; tradução Fernando Santos ; revisão da tradução Anibal Mari – São Paulo : Martins Fontes, 2005. (Coleção A)
- FUREGATTI, Sylvia. **Arte e Meio Urbano. Elementos de formação da estética extramuros no Brasil**. Dissertação Doutorado em Arquitetura e Urbanismo do curso de Pós-Graduação Stricto Sensu. Orientador: Prof. Dr. Luiz Américo de Souza Munari. São Paulo, 2007.
- JENKINS, Keith. **A História repensada** / Keith Jenkins; tradução de Mário Vilela, 3. Ed – São Paulo: Contexto, 2005.
- MARQUEZ, Renata Moreira. **Cidades em instalação: Arte contemporânea no espaço urbano**; Dissertação em Mestrado da Escola de Arquitetura da UFMG. Belo Horizonte, 2000

-MAZETTI, Henrique Moreira. **Entre o afetivo e o ideológico: as intervenções urbanas como políticas pós-modernas.** Revista ECO-PÓS – vol. 09, n. 02. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da UFRJ

- NARLOCH, Charles. **Hibridismo - Categorias em xeque.** 2007 Retirado no dia 5 de agosto de 2010 do site:
<http://publicacoesacademicas.blogspot.com.br/2008/04/hibridismo-categorias-em-xeque-as.html>

- O'DOHERTY, Brian. **No interior do cubo branco: a ideologia do espaço da arte** / Brian O'Doherty ; introdução Thomas McEville ; tradução Carlos S. Mendes Rosa – São Paulo : Martins Fontes, 2002. (Coleção A)

-PENNACHIN, Deborah Lopes. **Arte no espaço urbano- reflexões sobre a experiência contemporânea do graffiti.** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da UFMG. (Acessado ultima vez no dia 19/12/2011 no site:
<http://www.corpocidade.dan.ufba.br/arquivos/resultado/ST2/DeborahLopesPennachin.pdf>)

-ROCHA, Emilio Fernandes. **O Grafite Na Condição Pós-Moderna.** Retirado no dia 5 de agosto de 2010 do site:
<http://repositorio.aev.edu.br/files/a84f032a7699c663041a4101effc.pdf>

- SENO, Ethel; MCCORMICK, Carlo; SCHILLER, Marc; WOOSTER COLLECTIVE. **TRESPASS, História da Arte urbana não encomendada.** Editora: TASCHEN DO BRASIL. 2010